

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: COMPREENSÃO E  
ALGUMAS APLICAÇÕES**

**Aluna: Silvana Pereira Muniz**

**Orientadora: Gabriela Schneider**

**Curitiba, fevereiro de 2010.**

# AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: COMPREENSÃO E ALGUMAS APLICAÇÕES

SILVANA PEREIRA MUNIZ<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo discute avaliação no contexto do processo ensino-aprendizagem, observando qual é o seu papel no desenvolvimento do trabalho escolar e quais as suas possibilidades de aplicação junto ao educador. A avaliação sempre é motivo de estudo para aprimoramento e para um maior envolvimento dos educadores, alunos e até mesmo das escolas, a fim de que o aluno seja valorizado dentro daquilo que ele apresenta de melhor, sem deixar de lado a reflexão e o questionamento do professor quanto a sua prática pedagógica. Para que avaliar, o que avaliar e como avaliar deve ser reflexões contínuas no cotidiano do educador, para que esse não perca o seu objetivo principal, o bom desempenho do aluno. Através de um estudo bibliográfico, tem esta pesquisa a função de levantar princípios, conceitos, critérios e técnicas que tem sido aplicada nas escolas, bem como buscar uma melhor maneira de aproveitar-se destes instrumentos. A maneira com que o professor visualiza a avaliação, também procurou estar presente neste trabalho na tentativa de perceber o reflexo da prática aplicada aos alunos. Através da pesquisa, foi que, cada vez mais as características dos alunos, suas dificuldades e capacidades devem ser consideradas frente a avaliação, promovendo um trabalho dirigido que venha realmente mostrar a realidade destes alunos.

**Palavras-chave:** avaliação, realidade, instrumentos.

## INTRODUÇÃO

A avaliação é um assunto que está em constante estudo tanto para aprimoramento quanto para um maior aproveitamento dentro das escolas, de maneira que o aluno seja valorizado dentro daquilo que ele apresenta de melhor, sem deixar de lado a reflexão e o questionamento do professor quanto a sua prática pedagógica.

No processo educativo a avaliação é considerada o ponto crítico no contexto educacional, afinal ela tem sido utilizada para diferentes funções, o que implica em diversas interpretações de seu conceito. Avalia-se para diagnosticar uma situação de aprendizagem, para punir ou coagir, para classificar, avalia-se o conhecimento, o

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Gestores sob orientação da Prof<sup>a</sup> Gabriela Schneider

comportamento e também outros aspectos. Pensar na avaliação é muito mais que a soma de tudo isto, é em última instância repensar a prática pedagógica como um todo.

Para maior esclarecimento do assunto busca-se conhecer a fundo de que maneira a avaliação vem sendo absorvidas nas escolas de Ensino Fundamental, mais especificamente de 1ª a 4ª séries/1º ao 5º ano, explorando quais instrumentos e critérios estão à disposição do professor e qual a melhor maneira de aplicar a avaliação junto aos alunos para obter o máximo de proveito em todos os aspectos.

A presente pesquisa busca levantar dados históricos da avaliação no Brasil e no mundo e de que maneira este processo vem evoluindo e agregando conceitos e idéias em torno dos instrumentos e critérios avaliativos. Na verdade, a cultura da prática avaliativa dentro da uma sala de aula é um elemento essencial. Pois o que vem sendo constatado com o passar do tempo, é que não se avalia apenas ao final do processo, visando obter um resultado, mas sim durante todo o processo de aprendizagem onde o professor deve estar preocupado em avaliar não somente o seu aluno, mas também o seu próprio trabalho e a aplicação dos conteúdos.

A avaliação dentro do contexto escolar deve ser um instrumento, um diagnóstico: uma avaliação que expresse as diversas formas de aprendizagem e crescimento dos alunos e que não seja marcada apenas por grilhões estatísticos que impeçam o aluno de mostrar sua criatividade. Mas para que isso aconteça, é necessário que o professor se apresente como um guia, não como um carrasco.

O corpo docente do país deve, portanto partir para uma prática escolar libertadora, em que o aluno perca o medo de errar, de perguntar, de ser, de viver. Uma prática, com provas e testes aplicados de modo a incentivar o educando a vencer etapas, e o professor possa selecionar critérios de avaliação capaz de resultados satisfatórios e condizentes com seu comprometimento profissional.

Esse trabalho busca explorar os conceitos de avaliação, bem como as suas modalidades, diagnóstica, formativa e somativa sob o ponto de vista de vários autores, buscando assim, mais facilmente, compreender como funciona a avaliação, dentro do processo de aprendizagem. Salientar a avaliação como função decorrente do processo ensino-aprendizagem, bem como um processo de construção e produção de conhecimentos.

Toda educação se faz pela ação sobre os indivíduos, que é ativo e como tal não deverá receber a educação impositivamente, um ser social e como tal está

---

envolvido num contexto, cumpre, então, ter-se como elemento para formação do processo educacional a percepção das necessidades e problemas sociais e a percepção das necessidades do educando.

Segundo Ilza Martins Sant'ana (1995), cabe ao professor conduzir o aluno pelas estradas do saber, mas entre teoria e a prática das sentenças supra formuladas ainda há barreiras. Os obstáculos que, graças aos estudos e pesquisas, que muitos autores realizam, começam a serem transpostos.

Será que os critérios de avaliação estão corretos? Estão eles contribuindo para uma real formação de cidadãos conscientes de seu potencial criativo? Ou o modo como as provas são aplicadas e corrigidas apenas contribuem para elevar os alunos tidos como inteligentes e massacrar os que têm algumas dificuldades no aprendizado?

A avaliação escolar envolve, ou pelo menos deveria envolver uma relação entre professor, aluno e conhecimento. Não se pode avaliar um destes elementos sem considerar a inter-relação com o outro. Além disso, não existe avaliação de uma matéria em determinada disciplina sem que se leve em conta a relação desses conteúdos com todo o conhecimento a ser socializado. E não se pode avaliar o conhecimento a ser socializado desvinculado de um projeto pedagógico, de uma proposta de trabalho docente de um projeto político de uma escola e de educação.

A avaliação escolar faz parte de um processo educativo amplo que extrapola os muros da escola, não se trata de um fato isolado. Um educador que desconhece o mundo do trabalho não pode de maneira alguma exercer o ato de avaliar porque o educador não pode jamais contentar-se em medir comportamento. Tão pouco pode utilizar-se de avaliação como instrumento de intimidação. A avaliação é mais que explicitar uma nota ou concerto.

A pesquisa bibliográfica deverá dar fundamentação teórica a este estudo, recolhendo, selecionando, interpretando as contribuições e pressupostos teóricos que falam sobre avaliação e sua prática pedagógica.

Este estudo sobre avaliação tem como objetivo analisar as formas que os alunos vêm sendo avaliados hoje. O objetivo deste trabalho não é dizer qual a melhor forma, mas sim mostrar as várias modalidades que estão sendo aplicadas e qual a opinião de alguns estudiosos sobre o assunto. E como o a Lei 9394/96 determina como deve ser realizada a avaliação.

Busca-se, portanto, compreender a avaliação como processo permanente de aprendizagem, dinâmico e transformador do contexto social, político, econômico e cultural, para com isso podermos construir uma educação mais democrática, afinal uma avaliação de forma incorreta contribui para o fracasso escolar. A avaliação deve ser um processo de mediação na construção do conhecimento.

Perceber que o educando deve ser respeitado em todos os aspectos, físicos, social e econômico, não podendo utilizar-se da avaliação como instrumento de intimidação.

Compreender que a avaliação deve ser objetiva sem dogmatizar as aparências, sem ser meramente observável, em vez de excluir deve integrar e fixar-se na ausência de acertos, procurando discutir a importância dos instrumentos de avaliação e os seus fundamentos, a sua concepção.

## **1. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: COMPREENSÃO E ALGUMAS APLICAÇÕES**

Numa perspectiva qualitativa ou diagnóstica, a avaliação serve para verificar como está se dando o aprendizado dos alunos, as dificuldades e os avanços desse processo.

O homem não vive sem fazer comparações e avaliações e, de acordo com a idéia que ele tem a respeito da sociedade, do trabalho, do próprio homem e do momento histórico que vive, será sua visão de avaliação.

A necessidade de medir vem de longa data e foi no próprio corpo que o homem foi buscar as primeiras unidades de comparação, o pé, o palmo, o dígito e o cúbito, que era as primeiras idéias de avaliação da aprendizagem que estavam vinculadas aos conceitos de mediadas.

## **2. CONCEITOS HISTÓRICOS DA AVALIAÇÃO E SUA EVOLUÇÃO**

Na visão grega, alguns homens haviam nascido para trabalhar e outros para pensar sobre as coisas. Cada um fazia sua parte e atingia o fim para qual havia nascido. Sob esta forma de ver as coisas, os gregos faziam suas avaliações, que só

poderiam servir para manter esta sociedade considerada ideal, aperfeiçoando as pessoas para as atividades que haviam nascido. (PARANÁ, 1997, p.3).

Em 2205 a. C, o grande Shum, imperador chinês, examinava seus oficiais avaliando suas condições físicas para executar promoções ou demissões, o que foi identificado como o primeiro teste implantado, ou seja, foi a primeira vez que um ser humano passou a ser avaliado (ARANHA, 1991, p32).

Na visão feudal, o homem era um animal racional, mas somente porque, Deus lhe dera uma alma, o que o fazia diferente de todos os outros animais. O conhecimento religioso era considerado indispensável para o homem atingir seu fim, que era alcançar o reino dos céus. (PARANÁ, 1997, p. 03).

O Feudalismo acrescentou o cuidado com o desenvolvimento espiritual, uma vez que tomou a ordem social que os gregos queriam manter como um desígnio divino. A preocupação era com o aprimoramento daqueles que pudessem se manifestar contra o que já estava predestinado.

As descobertas da idade moderna influenciaram diretamente no aperfeiçoamento do homem dando-lhe outra ótica de sociedade, trabalho, organização e valor. O homem passa a ser entendido como animal racional que trabalha planejando e executando atividades para melhorar o mundo dos homens através da população em maior quantidade. (SEED, 1986).

Conseqüentemente esta nova visão compromete as avaliações antigas, que não podem continuar existindo. A época exige que o trabalho seja o principal parâmetro para as avaliações. O domínio das ciências, física, química são imprescindíveis para as mudanças sociais.

Na Idade Contemporânea o homem dominou a produção, conseguindo produzir além de suas necessidades imediatas, porém não realizou a igualdade entre os mesmos. Muitas justificativas foram e estão sendo dadas para essas desigualdades, inclusive a Pedagogia também se dispôs a justificar a ponto de ter havido testes de inteligência, demonstrações matemáticas, vários métodos para ensinar, etc.(ARANHA, 1991 p. 38).

Nos Estados Unidos, no Século XIX, Horace Mann criou um sistema uniforme para testar os alunos das escolas públicas de Boston. Os resultados dessa experiência reforçaram muitas críticas feitas por Mann à qualidade da educação. Ele sugeriu várias medidas para a melhoria dos padrões educacionais tais como:

Substituir os exames orais pelos escritos; - Utilizar, ao invés de poucas questões gerais, uma quantidade maior de questões específicas; - Buscar padrões mais objetivos do alcance escolar. (ALBUQUERQUE, 1995, p. 35).

No contexto dos Estados Unidos, onde Tyler e Bloon realizaram na literatura juntamente com Smith, o qual defendia a inclusão de uma variedade de procedimentos avaliativos, tais como: testes, escalas de atitude, inventários, questionários, fichas de registros e outras formas de coletar evidências sobre o rendimento dos alunos com relação à consecução dos objetivos curriculares e defendiam a idéia de que o domínio da aprendizagem é teoricamente disponível para todos, se houver possibilidade de encontrar os meios de ajudar cada aluno. Uma fundamentação para seu ponto de vista era encontrada nas normas de muitos testes padronizados de rendimento. (SOUZA, 1993, p. 52).

Nessa perspectiva, estes autores faziam uma distinção entre processo de ensino aprendizagem, cuja intenção é preparar o aluno, e o processo de avaliação, que tem a intenção de verificar se o aluno desenvolveu-se da maneira esperada. É evidente a flutuação das notas escolares, onde as mesmas atribuídas aos alunos variam em função não apenas dos conhecimentos supostamente demonstrados por esses alunos e sim de outros fatores entre os quais sobressaem, sem dúvida alguma, os ligados à própria personalidade do professor. Um dos problemas mais permanentes do ensino, embora nem sempre reconhecido por professores ou administradores, é o que se relaciona com a atribuição dessas notas ou menções com avaliação do processo do aluno. (CAVALHEIRO, 1995, p. 47).

Segundo Albuquerque (1995), iniciou-se no Brasil no final dos anos de 1996 um projeto de laboração da primeira bateria de testes de rendimento escolar (atualmente Centro de Estudos de Testes de Pesquisa Psicométricas da Fundação Getúlio Vargas), financiado pela Fundação Getúlio Vargas e pela Fundação Ford, contando com a colaboração de numerosos professores, consultores pedagógicos e estatísticos.

Os testes de desenvolvimento educacional foram elaborados para servir à avaliação do rendimento do aluno em quatro áreas do conhecimento: linguagem, matemática, ciências físicas e biológicas e estudos sociais. Nos últimos vinte anos, o impacto do desenvolvimento tecnológico sobre a educação se refletiu em muitos

setores. A introdução de leitura óptica e o emprego de sistemas de computação facilitaram a elaboração de programas em larga escala, a execução de projetos de pesquisas de grande envergadura, a aplicação dos testes nos sistemas de instrução a adaptação dos testes, inclusive a análise fatorial e a ponderação de itens ou alternativas. (VIEIRA, 2001, p. 04).

Repensar os fundamentos que norteiam as teorias avaliativas implica desvendar ideologias baseadas na perspectiva de sua superação. Um ponto a ser ressaltado na evolução da avaliação são as tendências pedagógicas adotadas por escolas, que nem sempre aparecem de forma pura, mas com características de avaliação, particulares, muitas vezes mesclando aspectos de mais de uma linha pedagógica. (CAVALHEIRO, 1995, p.49).

A Pedagogia Tradicional caracteriza-se por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, onde o aluno é avaliado sob o aspecto de seu próprio esforço. A maneira se de avaliar e os procedimentos didáticos, não consideram o relacionamento do cotidiano do aluno com suas realidades sociais, o que predomina é a palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual. (BRASIL, 1997, p. 26).

A Pedagogia Renovada teve início na década de 30 e até hoje influencia muitas práticas pedagógicas. Está ligada ao movimento da Escola Nova ou Escola Ativa, que se concentra na valorização do indivíduo com uma proposta de auto-educação, se trata de um ensino centrado no aluno e no grupo, caracterizando o professor como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno. Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais. A avaliação é fluida e tenta ser eficaz à medida que os esforços e os êxitos são pronta e explicativamente reconhecidos pelo professor, contudo privilegia-se a auto avaliação acima da avaliação escolar que praticamente perde seu sentido. (BRASIL, 1997, p. 26).

A Pedagogia Tecnicista, que foi implantada no final dos anos 60, tem o objetivo de preparar os recursos onde o essencial não é o conteúdo, mas as técnicas de descoberta e aplicação. O ensino é um processo de condicionamento através do uso de reforço as respostas que se quer obter. A avaliação concentra-se no resultado da execução do programa, reforçando gradualmente as respostas corretas correspondentes aos objetivos. (BRASIL, 1997, p. 26)



Vários técnicos em avaliação dessa década criticavam os processos que visam à obtenção de resultados finais sobre o desempenho do aluno, à análise do produto desprovido do significado de encaminhamento e retomada de dificuldades ao longo do processo. Eles questionavam o sentido da avaliação: constatar resultados, apontar o que o aluno aprendeu, tomada de decisões para promover a melhoria do ensino- aprendizagem e outras, como por exemplo, alerta para o sentido dinâmico da avaliação, ao afirmar que cabe aos pesquisadores descobrir o mundo, mas cabe aos avaliadores torná-lo melhor.

Lukesi (1986), desenvolve suas reflexões no mesmo sentido, insistindo que não existe avaliação sem ação a não ser por exercício de nominalismo: "avaliar e ver, julgar e agir, num ciclo contínuo". (LUKESI, 1986, p. 87-89).

A evolução da avaliação não é um assunto novo, apresenta registros desde 2205 a.C, na China. Mas sua apresentação atual é relativamente recente. Com a constituição da burguesia enquanto classe, e formação dos estados nacionais modernos, passou-se a organizar os sistemas nacionais de ensino. A escola é antecessor do capitalismo, mas foi neste ponto que os critérios foram mudados em virtude do desenvolvimento das indústrias. (ARANHA, 1991, p. 37).

Esse novo contexto da escola aborda dois pontos: de um lado a atenção à cultura como fator disciplinador, preparando o indivíduo para ser um trabalhador; por outro lado essa formação cultural formaria pessoas mais conscientes e questionadoras, o que se tornou desinteressante para a burguesia. (SANT'ANNA, 1995, p. 23).

Sendo assim se propôs que os conhecimentos fossem passados, mas em pequenas doses, capacitando às classes populares para trabalhar. Esse pensamento caracterizou a escola como disciplinadora, impondo a ordem, o ritmo, o controle, a hierarquia. A submissão a esse processo educativo se deu pela doutrina liberal que visava a igualdade de oportunidades, pois o valor da escola não estava nela mesma, mas nas recompensas vindouras. (SANT'ANNA, 1995, p. 24).

A avaliação progressivamente foi se padronizando, isto é, dirigindo à comprovação da aquisição de padrões fixados em nível nacional ou estadual. Esse modelo de avaliação abrange e se aprofunda nos conhecimentos, nas habilidades e nos valores transmitidos, além de obrigar os professores a restringirem o ensino a conteúdos acadêmico, deixando de lado a realidade social do aluno e a sua

capacidade de raciocínio diante de situações novas, o que se faz importante é a memorização de conhecimentos acadêmicos. (LUKESI, 1991, p. 26).

De maneira geral, o problema da avaliação se concentra na padronização. Para um melhor aproveitamento e uma boa avaliação do aluno é imprescindível a introdução de uma filosofia que reflita realmente a capacidade do aluno, medir a qualidade dos processos abrangentes a partir de critérios como consistência, previsibilidade, motivação, envolvimento, desempenho, capacidade de articular conhecimentos, de comunicar-se e estabelecer relações. (SANT "ANNA, 1995, p.27)

Para acompanhar o desempenho dos alunos o professor poderá registrar cotidianamente as considerações sobre o grupo todo e sobre cada um dos alunos, a partir das atividades desenvolvidas durante todo o trabalho pedagógico. Tomando como parâmetros os critérios formais da aprendizagem, deve observar: o nível de aprendizagem, relacionado ao conhecimento; o interesse e a iniciativa do aluno.

A leitura, o estudo, a pesquisa; a qualidade do conteúdo elaborado e da linguagem utilizada; a sistematização e ordenação das partes, relacionadas à produção individual; a qualidade da elaboração em conjunto com outros alunos; a capacidade crítica, indicando a criatividade; a capacidade de reconstrução própria e de relacionar os conteúdos das diversas áreas do conhecimento.

As considerações e opiniões dos próprios alunos deverão também ser anotadas e analisadas pelo professor. Através desta avaliação que poderá constatar os avanços e a qualidade da aprendizagem alcançada pelos alunos ao final de um período de trabalho, tanto no fim de um bimestre ou de um ano, como no encerramento de um projeto. Nesse processo de avaliação, não podemos esquecer que o professor também deve se avaliar, refletindo sobre o seu próprio trabalho, verificando seus procedimentos e, quando necessário, reestruturando sua prática. (SHUDO, 2008, p. 02).

Para os educadores, a busca por uma avaliação que privilegie o conhecimento, em detrimento da classificação, é um trabalho que deve ser desenvolvido em diversos níveis. As instituições devem avançar nesse sentido, oferecendo mais flexibilidade, para que os professores organizem práticas diversificadas.

Se, por um lado, a instituição oportuniza o estudo e a discussão sobre o papel da avaliação no processo de ensino e aprendizagem, os professores se despojarão de paradigmas que já não dão conta da atualidade para possibilitar a construção de novas e coerentes práticas pedagógicas". Nas Escolas Positivo instituição de Ensino Básico do Grupo Positivo em Curitiba, existe um equilíbrio no processo de avaliação, que vai desde os relatórios apresentados aos pais até as avaliações convencionais. (BOZZA, 2006 p. 12).

## **2.1 Os conceitos de avaliações e seus princípios pedagógicos**

O conceito, ou os conceitos de avaliação têm uma íntima correlação com o que se pensa do processo de ensino e de aprendizagem, na verdade, o modo de trabalhar com as avaliações reflete as concepções do educador acerca do ensino aprendizagem. No caso de acreditar que ensinar significa somente transmitir conhecimentos, as avaliações serão elaboradas visando descobrir se os alunos assimilaram os conteúdos e se estão aptos para reproduzi-los como foram apresentados. Por outro lado, concebendo a aprendizagem como construção do conhecimento, o professor terá como objetivos primordiais, na avaliação, a análise e interpretação do conhecimento elaborado e propiciar mais um momento de aprendizagem. (GUIMARÃES, 2000).

Avaliar não é rotular alguma coisa e muito menos alguém! Avaliar é atribuir um valor! Tudo na vida é avaliado, consciente ou inconscientemente; Avaliar implica numa interação plena com a coisa desejada para assumi-la ou rejeitá-la. (SANT'ANA 1995, p.16 e 17).

A avaliação quando voltada para crianças de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> do Ensino Fundamental, tem assumido dimensões mais amplas do que as frequentemente usadas como a associação com exame, notas, sucesso, fracasso, promoção e repetência. A alfabetização tem por meta a realização de uma série de objetivos que podem ser expressos em termos de mudanças de comportamento dos alunos e não simplesmente a atribuição de nota. E é através da avaliação que se pode detectar se esses objetivos estão sendo alcançados.

Para o professor realmente avaliar, ele deve procurar contínua e sistematicamente a interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno, ou seja, a avaliação passa a ser compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica e só pode

acontecer se for relacionada com as oportunidades oferecidas. Possibilita conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa de aprendizagem que o professor tem em determinados momentos da escolaridade, em função da intervenção pedagógica realizada. (SANT "ANNA, 1995, p. 3).

A avaliação investigativa inicial é o fator em que o professor vai se informar sobre o que o aluno já sabe sobre determinado conteúdo. Para partir daí, estruturar sua programação definindo os conteúdos e o nível de profundidades que deve ser abordado, podendo propor atividades e gerar novos conhecimentos, assim como servirá para o aluno tomar consciência do que já sabe e do que pode ainda aprender sobre um determinado conteúdo.

Essas avaliações devem ser aplicadas junto aos alunos de 1ª e 4ª série, sempre que o professor passe a trabalhar novos conteúdos ou novas seqüências de situações didáticas. Através desta avaliação inicial que se poderão constatar os avanços e a qualidade da aprendizagem alcançada pelos alunos ao final de um período de trabalho, tanto no fim de um bimestre ou de um semestre ou de um ano, como no encerramento de um projeto ou seqüência didática. O que se comprova com esse tipo de avaliação é que o professor acompanha o aluno sistematicamente ao longo do processo, podendo saber o que o aluno já aprendeu sobre os conteúdos trabalhados. Este fato se torna importante, pois acaba apontando aquilo que não foi aprendido.

A avaliação escolar do Ensino Fundamental, e mais especificamente junto aos alunos de 1ª a 4ª série, não se trata de um momento estático, mas antes de um momento de observação de um processo dinâmico e não-linear de construção de conhecimentos, aborda um conjunto do processo de ensino que através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar se os objetivos propostos foram alcançados, bem como a orientação para tomada de decisões da continuidade dos conteúdos. (MEDIANO, 1994, p. 33).

Para Hoffmann (2006), o processo de avaliação, conhecer o aluno e sua realidade é fundamental. Longe de apenas determinar notas, a avaliação torna se item preponderante de todo o processo educativo. A evolução do aluno, suas características, dificuldades e facilidades só são reconhecidas a partir de um acompanhamento específico do cotidiano escolar. Para a professora Hoffmann (2006), a avaliação deve ser como um diálogo com o aluno, uma oportunidade para

o crescimento do estudante e do professor. “Acompanhamento é evolução.” (HOFFMANN, 2006, p.13).

## **2.2 Algumas modalidades da avaliação**

Segundo Souza (1993), a avaliação é classificada em três modalidades: diagnóstica, formativa e somativa. A diagnóstica ou inicial determina a presença ou ausência de conhecimento e habilidades dos alunos com o objetivo de constatar alguns pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem, permitindo também detectar as causas de repetidas dificuldades no aprendizado do aluno. Essa avaliação tem papel fundamental, pois sem ela estaria comprometido todo o trabalho futuro do professor. O diagnóstico é o que se faz necessário para um bom desenvolvimento do aluno. (SOUZA, 1993, p. 66).

Rabelo (2000) apresenta a avaliação formativa como finalidade de proporcionar informações acerca do desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem. Este tipo de avaliação indica como os alunos estão reagindo em direção aos objetivos traçados pelo professor. Entre suas principais funções estão as de inventariar, harmonizar, tranquilizar, apoiar, orientar, reforçar, corrigir, etc. é uma avaliação incorporada no ato do ensino e integrada na ação de formação. A avaliação formativa também assume uma função reguladora quando permite tanto a alunos como a professores ajustarem estratégias e dispositivos. Ela pode reforçar positivamente qualquer competência que esteja de acordo com alguns objetivos previamente estabelecidos e permitir ao próprio aluno analisar situações, reconhecer e corrigir seus eventuais erros nas tarefas. (RABELO, 2000, p.6).

Seguindo a idéia do autor, a avaliação somativa classifica os alunos ao final de um bimestre, semestre ou ano letivo, segundo os níveis de aproveitamento apresentados frente aos objetivos previamente estabelecidos. Propõe fazer um balanço somatório de uma ou várias seqüências de um trabalho de formação. Às vezes pode ser realizado em um processo cumulativo, quando um balanço final leva em consideração vários balanços parciais. Avaliação Somativa, de maneira geral, apresenta o grau em que os resultados mais amplos têm sido alcançados ao longo e ao final de um trabalho. (RABELO, 2000, p. 6).

Essas três formas de avaliação estão intimamente vinculadas. Para garantir a eficiência do sistema de avaliação e a eficácia do processo de aprendizagem, o

professor deve fazer uso conjugado das três modalidades, verificando o nível de aprendizagem dos alunos. (BRASIL, 1997, p.23).

### **3. AVALIAÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Uma das grandes questões que permeia o processo de ensino/aprendizagem refere-se justamente a questão: “para que avaliar?”.

Segundo Cavalheiro (1995) pode-se encontrar uma série de respostas, tais como avaliar para atribuir nota, registrar, mandar a nota para a secretaria, cumprir a lei, ter documentação para se defender em caso de processo, verificar, constatar medir, classificar, mostrar autoridade, conseguir silêncio em sala de aula, selecionar os melhores alunos, discriminar, marginalizar, domesticar, rotular, mostrar quem é incompetente, comprovar o mérito individualmente conquistado, dar satisfação aos pais, não ficar fora da prática de professor, ver quem pode ser aprovado ou reprovado, eximir-se de culpa, achar os culpados, verificar o grau de retenção, incentivar a competição, preparar o aluno para a vida, detectar avanços e dificuldades, ver quem assimilou o conteúdo, saber quem atingiu os objetivos, ver como o aluno está se desenvolvendo, diagnosticar, investigar, tomar decisões, acompanhar o processo de construção do conhecimento do aluno, estabelecer um diálogo educador-educando-contexto de aprendizagem, avaliar para que o aluno aprenda mais e melhor. (CAVALHEIRO, 1995 p. 9).

Mas duas das principais abordagens da avaliação escolar de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental vêm se contrapondo com muita frequência; a primeira que define o sucesso ou fracasso do aluno no processo de aprendizagem e a segunda que considera que a avaliação incide sobre o processo de aprendizagem. (LUKESI , 2000, p. 16).

A educação formal que é predominante na maioria das escolas tem sido baseada na transmissão de conhecimentos historicamente acumulados, no ensino baseado em exercícios repetitivos que levam a um adestramento em técnicas e habilidades, privilegiando assim a primeira abordagem. (VIERIA, 2002, p. 3).

Os educadores, em nome da apreensão do conhecimento, exercem uma pressão sobre os alunos. O problema está na relação descontextualizada dos conteúdos escolares que devem ser assimilados e admitidos como prontos e

---

acabados, deixando de possuir a dimensão de um produto histórico e social. Assim, os alunos vão ficando à margem da história, sem a oportunidade de desenvolver o seu raciocínio crítico e sua criatividade. (RABELO, 2000, p.2).

O grande desafio da educação é o de ser capaz de interpretar as capacidades e a própria ação cognitiva na forma linear, estável e contínua que caracterizam as práticas educacionais atuais. Ela deve primar pelo reconhecimento de que o indivíduo é um todo integral e integrado e que suas práticas cognitivas e organizativas não são desvinculadas do contexto histórico no qual o processo se dá contexto esse em permanente evolução. (LUKESI, 2000, p.17).

A forma como a escola vem transmitindo o saber histórico faz com que o aluno esqueça que ele é um sujeito histórico, produtor de cultura e fator fundamental para a estruturação dos vínculos, sentidos e significados de sua relação no mundo, com a sociedade da qual faz parte.

A estrutura rígida da escola dificulta essa visão, uma vez que insiste na organização seriada, determinada por tempos bem definidos e subdividindo as disciplinas em conteúdo escolares, prestigiando o caráter cumulativo do processo. Nesta ótica, o processo avaliativo não está a serviço do processo de aprendizagem, mas de um fator proveniente das relações existentes na sociedade. (VIEIRA, 2001, p. 44).

A avaliação como tradicionalmente tem sido usada na escola mediante testes e exames dizem muito pouco sobre aprendizagem. Na verdade os alunos passam por testes para os quais são treinados. A avaliação tem tudo a ver com a filosofia de educação que orienta a prática educativa. É interessante notar que o fenômeno aprendizagem é reconhecido em todas as espécies está relacionado diretamente à busca da sobrevivência. (LUKESI, 2000, p.19).

Quando se afirma que pela avaliação se verifica continuamente o progresso da aprendizagem reconhece-se que este se manifesta na capacidade que o aluno tem de enfrentar uma nova situação o que significa capacidade de realizar tarefas envolvendo crescente grau de sofisticação. O professor deve ter oportunidade e capacidade de decidir o que é mais adequado fazer se a classe não estiver progredindo adequadamente. Desta forma, a avaliação mediadora ganha destaque dentro de um paradigma que tem como objetivo promover a aprendizagem, mediação que significa movimento, provocação, mediação em direção. (SOUZA, 1997, p.27).

---

A avaliação mediadora é aquela que não está no término de um período das tarefas dos alunos, no término de um período escolar, mas em uma ação educativa do professor, de reflexão teórica e de ação educativa provocativa entre uma e outra tarefa do aluno. A ação avaliativa do professor deve partir da atividade do aluno, ela é o ponto de partida para análise da produção. O professor deve analisar a atitude do aluno diante da atividade, analisar o resultado apresentado. Refletir teoricamente e através de sua ação como educador, provocar desafiar e descobrir melhores soluções para aquelas hipóteses que ele vem construindo gradativamente. É a mediação entre o conhecimento inicial e o saber enriquecido. Através da ação, da provocação e do desafio. (ARANHA, 1991, p.37)

### **3.1 Princípios pedagógicos da avaliação e seus critérios**

A partir do primeiro dia de aula o professor deve começar a avaliar os alunos, pois assim poderá adquirir informações diretas, imprescindíveis e valiosas para planejar o seu trabalho, que será tanto mais eficiente quanto mais estiver calcado em dados reais. O que se torna mais importante na avaliação da aprendizagem é acolher os alunos e estar disponível para acolhê-los no estado em estejam e, a partir daí, os auxiliar em sua trajetória de vida. A avaliação da aprendizagem não implica somente na aprovação ou reprovação, mas sim numa orientação permanente visando pleno desenvolvimento. . (LUKESI, 1991, p. 42).

Os critérios de avaliação são na verdade elementos para diagnosticar o rendimento escolar, verificando quais os alunos que necessitam de ajuda ou atendimento pedagógico específico. É importante lembrar que jamais um aluno deverá ser comparado com outro, e sim com seu próprio progresso. As verificações deverão ser constantes e continuas. Os testes não deverão ser utilizados como uma arma contra o aluno, causando-lhe qualquer tipo de trauma, mas deverão ser acima de tudo, um meio para confirmar o progresso do aluno, o alcance dos objetivos estabelecidos. (SOUZA, 1991, p. 44).

A educação renovada não mudou apenas os métodos de ensino, que se tornaram mais ativos, mas influiu, também, sobre a concepção de avaliação. Antes, ela tinha um caráter seletivo, uma vez que era vista apenas como uma forma de classificar e promover o aluno de uma série para outra ou de um grau para outro. Atualmente, a avaliação assume novas funções, pois é um meio de diagnosticar e



de verificar em que medida os objetivos propostos para o processo de aprendizagem estão sendo atingidos. Portanto, a avaliação assume uma dimensão orientadora. (BRASIL, 1997, p. 86).

A avaliação pressupõe objetos e critérios. Nas escolas, o único objeto avaliado é o aluno ou sua aprendizagem. Mas, no processo de aprendizagem devem-se avaliar também outras questões como: os seus objetivos, os conteúdos, as propostas de intervenções didáticas com seus materiais e recursos utilizados. (BRASIL, 1997, p. 87).

Os critérios de avaliação terão obrigatoriamente que ser um elemento para diagnosticar o rendimento escolar, verificando quais os alunos que necessitam de ajuda ou atendimento pedagógico específico. O aluno jamais deverá ser comparado a outro, mas com seu próprio progresso, o fracasso do aluno é o fracasso do professor. Os critérios são o referencial da avaliação e devem traduzir a natureza da educação institucionalizada. Em síntese pode-se dizer que critério de avaliação é um princípio que se toma como referência para julgar alguma coisa. (MEDIANO, 1994, P. 35).

### **3.2 Técnicas e instrumentos avaliativos para as séries iniciais do ensino fundamental**

Para que a avaliação possa desempenhar essas novas funções que a educação moderna exige junto às classes de 1ª e 4ª série do Ensino Fundamental, faz-se necessário o uso combinado de varias técnicas e instrumentos de avaliação, além da sua tradicional função de diagnóstico, bem como a de controlar a consecução dos objetivos previstos para o processo aprendizagem.

É importante lembrar que a medição do processo de aprendizagem é realizada de forma indireta. Isso significa que a aprendizagem, assim como qualquer processo psicológico, não pode ser medida em si. Ao verificar o rendimento escolar de seus alunos, o professor estará medindo e avaliando certos comportamentos que lhe permitem deduzir o que o aluno aprendeu (LUKESI, 2000, P.10).

Considerando que, quanto maior for a amostragem, mais perfeita é a avaliação, todos os recursos disponíveis de avaliação devem ser usados na obtenção dos dados. Essa é mais uma razão que justifica o uso, pelo professor, de técnicas variadas e instrumentos diversos de avaliação. Pois quanto mais dados ele

---

puder colher sobre os resultados da aprendizagem, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais válida será considerada a avaliação. (ALBUQUERQUE, p. 43)

A avaliação deve estar sempre a serviço do aluno. Isso significa que ela não tem como objetivo determinar as notas a ser enviadas à secretaria, mas acompanhar o caminho que o aluno faz descobrir suas dificuldades e necessidades e alterar os rumos se for preciso. Ela é constante e pode ser feita durante trabalhos em grupos, jogos e brincadeiras. Só que o olhar do professor, nesses momentos coletivos, deve ser sempre para cada aluno. Assim se observam os interesses e os avanços de todos na turma. (HOFFMANN, 2005, p. 46).

O desenvolvimento do processo de aprendizagem deve, portanto, ser acompanhado de uma avaliação constante. Verificações periódicas fornecem maior número de amostras e funcionam como um incentivo para que o aluno estude de forma sistemática, e não apenas às vésperas de uma prova. Tais verificações podem ser informais (participações nos debates, exercícios, trabalhos, solução dos problemas etc.) ou formais (provas propriamente ditas). (LUKESI, 1991, P.58).

O importante é que as provas sejam utilizadas tanto pelo aluno como pelo professor; o aluno deve ter acesso a sua prova corrigida para saber o que acertou e o que errou; o professor, por sua vez, deve analisar o desempenho de seus alunos para aperfeiçoar seu ensino. A avaliação não tem um fim em si mesmo, mas é um meio a ser utilizado por alunos e professores para o aperfeiçoamento do processo de aprendizagem. (LUKESI, 1991, p.59).

A maioria das escolas promove exames, que não são uma prática de avaliação. O ato de examinar é classificatório e seletivo. A avaliação, ao contrário, diagnóstica e inclusiva. Hoje são aplicados instrumentos de qualidade duvidosa: corrigimos provas e contamos os pontos para concluir se o aluno será aprovado ou reprovado. O processo foi concebido para que alguns estudantes sejam incluídos e outros excluídos, do ponto de vista político-pedagógico, é uma tradição, antidemocrática e autoritária, porque centrada na pessoa do professor e no sistema de ensino, não em quem aprende. (LUKESI, 2006, p. 19).

O professor é o agente produtivo e renovador que procura trabalhar com o aluno de forma desenvolver integralmente suas capacidades, acreditando na existência de uma vitalidade interior que se direciona para a criatividade. Ao avaliar, o educador deve considerar o desenvolvimento integral do aluno, pois comparando

os resultados obtidos com uma sondagem inicial poderá constatar o que se alcançou e quais as possibilidades para um trabalho futuro. (SANT 'ANNA, 1996, p.23,24).

Existem várias técnicas e vários instrumentos de avaliação. Para a avaliação diagnóstica, por exemplo, pode-se utilizar o pré-teste, o teste diagnóstico, a ficha de observação ou qualquer outro instrumento elaborado pelo professor. Para a avaliação formativa têm-se as observações, os exercícios, os questionários, as pesquisas, e finalmente, para a avaliação somativa, os dois tipos de instrumentos mais utilizados são as provas objetivas e as provas subjetivas. Ao escolher uma técnica ou instrumento de avaliação deve-se ter presente, portanto, o tipo de habilidade que se deseja verificar no aluno. (MEDIANO, 1994, p. 37).

## **2.4 Avaliações quanto aos instrumentos utilizados**

A avaliação em nossas escolas tem sido criticada, sobretudo por produzir-se á função de controle, mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos relativa às notas que obtiveram nas provas. Os professores não têm conseguido usar os procedimentos de avaliação que, sem dúvida, implicam o levantamento de dados por meio de testes, trabalhos escritos, entre outros, para atender a sua função educativa. Em relação aos objetivos, funções e papel da avaliação na melhoria das atividades escolares e educativas, tem se verificado na prática escolar alguns equívocos.

O mais comum é tornar a avaliação unicamente como o ato de aplicar provas, atribuir notas e classificar os alunos. O professor reduz a avaliação à cobrança daquilo que o aluno memorizou e usa a nota somente como instrumento de controle. Ainda hoje há professores que se vangloriam por deter o poder de aprovar ou reprovar. Quantas vezes se ouvem afirmações inteiramente falsas sobre o que deve ser um trabalho docente de qualidade

Segundo Libâneo (1994, p,38), “o professor X é excelente, reprova mais da metade da classe.” O “ensino naquela escola é muito puxado, poucos alunos conseguem aprovação” Tal idéia é descabida, primeiro porque a atribuição de notas visa apenas ao controle formal, com objetivo classificatório e não educativo; segundo, porque o que importa é o veredito do professor sobre o grau de adequação e conformidade do aluno ao conteúdo que transmite.

Essa atitude ignora a complexidade de fatores que envolvem o ensino, tais como os objetivos de formação, os métodos e procedimentos do professor. A situação social dos alunos, as condições e meios de organização do ensino, os requisitos prévios que têm os alunos para assimilar a matéria nova, as diferenças individuais, o nível de desenvolvimento intelectual, as dificuldades de assimilação devidas às condições sociais, econômicas, culturais adversas dos alunos.

É comum a prática de dar e tirar ponto, conforme o comportamento do aluno, ou a preocupação excessiva pela exatidão da nota, às vezes reprovando alunos, por causa de décimos. Nestas circunstâncias, o professor exclui o seu papel de docente, isto é o de assegurar as condições e meios pedagógico-didáticos para que os alunos sejam estimulados e aprendam sem necessidade de intimidação.

O professor pode avaliar o resultado da aprendizagem por meio da observação do comportamento com relação aos hábitos de trabalho, relacionamento com colegas, hábitos de estudo, cumprimento de tarefas escolares, atitudes positivas ou negativas com relação aos trabalhos escolares, capacidade de cooperação, aproveitamento do tempo, etc.

Segundo Gimeno (1998), a forma mais utilizada ainda são as provas, que podem ser aplicada de diversas formas, tais como:

- a) PROVAIS ORAIS – transcorrem com base no diálogo entre professor e aluno, procurando o primeiro explorar tudo que o aluno sabe sobre o referido assunto, trata-se de um interrogatório que deve ser empregado constantemente no transcurso de aula.
- b) PROVAS ESCRITAS – são usadas juntas aos alunos de 1ª a 4ª série em avaliações mensais, bimestrais e em exames finais. Para certificar-se de que o aluno realmente aprendeu os conteúdos e conseqüentemente dar seguimento ao trabalho nas próximas aulas, pode constar de dissertações ou de questões objetivas, salientando que quando se tratarem de dissertações o professor deve promover a oportunidade de o aluno expor o assunto de maneira coordenada e argumentada.
- c) PROVAS DE LIVRO ABERTO – se processam com base sem situações inéditas ou problemáticas, sendo que o almejado é a associação, a correlação, a transferência, a dedução ou indução de conhecimento, em vez do mero repetir de dados assimilados, neste tipo de prova, procura-se verificar muito mais a dinâmica dos conhecimentos do que o conhecimento em si.
- d) PROVAS EM GRUPO – podem perder o caráter de realização individual, sendo importante que os grupos sejam construídos por poucos elementos procurando patrocinar uma troca de idéias entre os componentes do grupo para realização de uma prova mais completa e coesa.
- e) PROVAS EM GRUPO COM CONSULTA – para aplicação destas provas o professor deve elaborar as questões de maneira que os alunos tenham dificuldades na execução das respostas.
- f) PROVAS MISTAS – são aquelas realizadas no primeiro tempo, individualmente destinando-se a verificar as partes essenciais do conteúdo

examinado; e a outra para ser realizada no segundo tempo, em grupo destinando-se a aplicações perspectiva mais complexa de matéria e que vai ser resolvida com a cooperação de todos os componentes de um grupo.

g) PROVAS DIFERENCIADAS – são aquelas destinadas à recuperação dos alunos que por ventura tenham se saído mal em provas anteriores. Contas de duas partes e requer que o aluno esteja a par do conteúdo aplicado além do conteúdo que fora anteriormente aplicado e não assimilado, podem ser realizadas tanto individualmente quanto em grupos. (GIMENO, 1998, P. 47).

### **3. AVALIAÇÕES E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**

Tradicionalmente a avaliação se faz através da simples medição de domínio de conteúdos. Sem entrar no mérito sobre a qualidade dos instrumentos utilizados para aferir conhecimentos, atribui-se um valor desempenho, muitas vezes, retendo alunos de forma definitiva como se aquele conhecimento não pudesse ser incorporado ao longo do processo de desenvolvimento e através de outras oportunidades curriculares.

A concepção de avaliação por competência e habilidades, dentro de uma área de conhecimento, conforme propõe a Lei de Diretrizes de Bases nº 9394/96, orienta o professor para um aspecto mais amplo do que o circunscrito às disciplinas e seus conteúdos.

Essa avaliação deverá ser conduzida tendo em vista as competências e habilidades definidas como “produto” desejável ao final do curso, e tendo como pressuposto, a capacidade dos alunos de desenvolvê-las ao longo das experiências oferecidas nesta e nos demais áreas. Lê-se no capítulo II da Educação Básica,: V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência de aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; [...]

b) Obrigatoriedade dos estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos. (BRASIL, 1996, art, 24)

O fato efetivamente não é novo, mas somente retomado na LDB e causa inquietante, por que tais pressupostos nunca foram compreendidos ou seguidos em seu teor integral pela maioria das escolas.

A construção do conhecimento pelo educando se dá de forma dinâmica e progressiva, não havendo início, meio ou fim nesse processo. Cada hipótese construída pelo aluno estará constantemente sendo refutada por ele mesmo, completamente a partir de suas experiências de vida, das provocações intelectuais sofridas na escola. O que propõe na Lei 9394/96 é um processo avaliativo que respeite tal dinamicidade do processo de conhecimento.

A compreensão do desenvolvimento do aluno poderá fazer surgir estratégias de recuperação muito mais ricas do que a mera repetição de conteúdos não dominados, uma vez que permite planejar atividades interdisciplinares, considerando a interação entre as três áreas do conhecimento: Científica, Social e Literária.

A Lei 9193/96 não inaugura uma concepção de avaliação contínua e processual. Mediadora, no que se refere á verificação do rendimento do aluno. Não há nada de novo em tais pressupostos que teoricamente vêm sendo desenvolvidos nas últimas quatro décadas. Entretanto se a teoria já é até mesmo velha, ela de fato é inédita enquanto prática avaliativa em todos os graus de ensino.

É nessa perspectiva que pode ser equacionada a proposta de aproveitamento de estudos e experiências quando se tem em vista a complementação da escolaridade. Se parece haver consenso sobre a efetividade dessas experiências no desenvolvimento do saber do aluno é importante também chegar-se a um denominador comum no que concerne ao uso dessas experiências no fato avaliativo. Reforça-se isso porque a avaliação tradicional se volta para o domínio de conteúdos específicos sem considerar as competências e habilidades que fazem do repertório do aluno e que lhe permitiriam alcançar os conhecimentos desejados.

É necessário estabelecer metodologias de avaliação durante todo o período letivo que garantam a aferição qualitativa do processo ensino aprendizagem, mediante a utilização de instrumentos que permitam verificar em que medida o aluno está participando do processo de elaboração, construção e reconstrução do conhecimento.

A finalidade da escola não pode ser a avaliação, mas precisa ser entendida como meio para melhor educar e ensinar. A saída de uma avaliação autoritária e

classificatória para uma avaliação diagnóstica e construtiva, conforme proposta na Lei 9394/96 exige uma nova cultura e um compromisso ético.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Avaliar não é somente um direito a aprender, avaliar é também o direito de poder realizar uma aprendizagem. A avaliação tem tido como a principal função a de provocar a melhoria, o crescimento e o aperfeiçoamento do processo educativo concebido e assumido pelo professor e pela escola, o que ainda se faz necessário é uma avaliação que ultrapasse os limites do constatar e passe a ter julgamentos de valor sem estar rotulando e não massacrar a capacidade dos alunos.

Através da presente pesquisa, pode-se visualizar que tanto professores como técnicas avaliativas não são e não estão estáticas. O que vem ocorrendo é uma evolução favorável, onde aspectos muito importantes que estão presentes na realidade do aluno já vêm sendo considerados na aprendizagem como fatores positivos e motivadores do ensino e passam a ser considerados na avaliação.

Professores além de se adaptarem às mudanças, precisam também ir além e explorar as particularidades dos alunos para chegar a um melhor instrumento para aquela determinada turma, para aquele determinado aluno, não só constatando se os conteúdos foram aproveitados, mas indo além e verificando se o aluno realmente assimilou dentro de sua vida tudo o que aprendeu.

A avaliação deve ser objetiva sem dogmatizar as aparências, sem ser meramente observável, em vez de excluir deve integrar e fixar-se na ausência de acertos, procurando discutir a importância dos instrumentos de avaliação e os seus fundamentos, a sua concepção.

O que deve ser considerado é que mesmo existindo muitas formas de avaliação, não existe um padrão, uma receita a ser prescrita para todos os professores e alunos, isto porque as pessoas são diferentes, vivem em lugares

diferentes e precisam tanto de um ensino direcionado para sua realidade, com conseqüentemente uma avaliação adequada.

A avaliação é o momento em que deve haver interação muito forte entre aluno e professor, e que as atividades avaliadas aconteça num constante ciclo, ensina e avalia ao mesmo tempo para ver se houve uma aprendizagem. Mas é preciso que o professor mude sua postura, passe do papel de fiscalizador, medir e julgar para o compromisso com a aprendizagem de todos os alunos, e realmente use a avaliação para que os alunos aprendam mais e melhor.

O papel da escola de promover a formação de pessoas críticas ganha força quando a avaliação passa a ser dirigida desta maneira, pois quando o professor ensina e avalia além dos conteúdos ele está levando o aluno a assimilar conhecimentos e mostrando a ele onde será aplicado.

A escola existe para ser um dos espaços de educação das pessoas, entendendo como educação a aprendizagem de conhecimentos importantes para sua vida, relacionamentos com sua história e com o seu tempo, e que contribua para o seu crescimento humano. Desta mesma maneira deve ser a avaliação, isto é, levar em conta todos os aspectos que circundam o aluno promovendo um ambiente de manifestação cultural e de produção e criação de conhecimento. Tudo isso será gerado à medida que a avaliação seja tratada também de maneira ética por parte da escola, dos professores e alunos.

Finalizando este trabalho, espera-se ter contribuído para a reflexão da prática educativa, a qual visa construir conhecimento e deve superar a visão de avaliação como um momento isolado no processo de ensino aprendizagem. Se hoje a avaliação é alvo de tantos estudos, talvez seja porque ela revela inadequações em todo esse processo. Que essa discussão, também com caráter avaliativo, leve à ação, à transformação, a uma prática mediadora, que pelo menos use a avaliação não como um fim, mas como instrumento essencial no processo de ensino/aprendizagem.



## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1991. p. 32,37,38.
- BOZZA, Sandra. **A Importância de Conhecer e Acompanhar o aluno**, Atividades e Experiências nº 4. Curitiba: Positivo, p. 12, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros Curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 23-26.
- CAVALHEIRO, Airton. **Avaliação**. Curitiba, Ática, 1995, p. 47, 49.
- GIMENO, José S. **O Currículo Evoluído: uma reflexão sobre a prática**. São Paulo: Marota, 1998.
- GUIMARÃES, A. A. et al. **O Coordenador Pedagógico e a Educação Continuada**. 3. Ed. São Paulo: Loyola. 2000.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Acompanhar o Aluno para Traçar o Melhor Caminho**, Nova Escola edição 188. São Paulo: Abril, 2005. p. 46.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: Peça Fundamental no Processo Pedagógico**, Atividades e Experiências nº 4. Curitiba: Positivo, p. 13, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 - Coleção Magistério 2º Grau, serie formação do professor.
- LUKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo; Cortez, 1991, p. 26, 42, 58,59.
- LUKESI, Carlos Cipriano. **O Objetivo da Avaliação é Intervir para Melhorar**, Nova Escola edição 191. São Paulo: Abril, 2006. p. 19.
- LUKESI, Cipriano Carlos. **O Professor e as Técnicas de Avaliação**. Revista Pátio. Ano 3. fev/abr. 2000. p 1-29.
- MEDIANO, Menga Ludke e Zélia. **Avaliação na Escola de 1ª grau: Uma análise sociológica**. Campinas: Papyrus, 1994. p. 37.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Avaliação, sociedade e escola: Fundamentos para Reflexão**. Curitiba: 1997. p. 3.
- SANT' ANNA, Ilza Martins. **Porque Avaliar? Como Avaliar? : Critérios e Instrumentos**. Petrópolis, R. J. Vozes, 1995, p. 16, 17, 23, 24,27.
- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Avaliação, Sociedade e Escola**. Fundamentos para reflexão. Curitiba: SEED, Paraná, 1986.
- SHUDO, Regina. (2008) **Avaliação e suas concepções**. Caminhos e Desafios. [www.educacional.com.br/pesquisa/respostapalavra.afp?=1&PP=nova](http://www.educacional.com.br/pesquisa/respostapalavra.afp?=1&PP=nova). Acessado dia 22/09/2008.

SOUZA, Clariza Prado. **Avaliação do Rendimento Escolar**. Ed. 2. Campinas: Papyrus, 1993, p. 52, 66.

SOUZA, Nádya Aparecida de. **Avaliação da Aprendizagem**. Especialização em metodologia do ensino. C. Procópio: Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sócio- Econômicas, 1997, p. 27.

VIEIRA, Fábria Magali Santos. (2002) **Avaliação do Processo de Ensino Aprendizagem**, artigos. [HTTP://connect.com.br/~ntemg7/avaproc.htm-10/10](http://connect.com.br/~ntemg7/avaproc.htm-10/10).